

A morte e suas imagens¹

Alexsandro Medeiros do Nascimento² e Antonio Roazzi³

Resumo

O estudo investigou a estrutura imagética da representação social da morte em profissionais de saúde no contexto sócio-cultural do nordeste do Brasil. Utilizou-se um questionário com questões abertas e fechadas versando sobre os aspectos simbólicos e icônicos componentes da estrutura da representação da morte na população referida, a saber, médicos, psicólogos e enfermeiros. Os dados foram analisados através de uma análise

Abstract

The study investigated the imaginal structure of the social representation of death held by health care professionals who live in the sociocultural context of Northeastern Brazil. A questionnaire with open and closed questions was used dealing with the symbolic and iconic components of the structure of the representation of death in the mentioned population, composed by doctors, psychologists and nurses. The data were

¹ The death and its images.

² Universidade Federal Rural de Pernambuco.

³ Universidade Federal Rural de Pernambuco.

multidimensional não-métrica – o SSA – e interpretados à luz dos aportes da Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 1976; 1988), da Teoria das Facetas (GUTTMAN, 1991) e do método de “variáveis externas enquanto pontos” (COHEN & AMAR, 1999; ROAZZI & DIAS, 2001). A análise permitiu localizar uma dispersão no registro imagético da representação, corroborando os achados de Nascimento (2001) sobre a dispersão dos sentidos atribuídos à morte em sua simbólica.

Palavras-Chave: morte, imagem mental, representação social, teoria das facetas.

analysed through a nonmetric multidimensional analysis – “SSA” – and interpreted with aid of the social representations theory (MOSCOVICI, 1976; 1998), the facets theory (GUTTMAN, 1991) and also through the method of “external points variables” (COHEN & AMAR, 1999; ROAZZI & DIAS, 2001), observing dispersion in the iconic registration of the representation. This study corroborated Nascimento’s findings (2001) on the dispersion of meanings attributed to death symbolics.

Keywords: death; mental image; social representation; facets theory.

A morte no contexto do ocidente

A morte antiga (até meados da Idade Média) comparece repleta de significados religiosos e se anuncia através de signos claros e transparentes, o que permite ao homem moribundo lamentar sua própria morte, despedir-se de seus familiares e amigos e receber os socorros da religião através da absolvição sacramental (ARIÈS, 1977).

Nesse momento histórico uma imagem plasmada no seio da cultura parece congrega a imensa gama de significados associados à morte desse tempo, a imagem do esqueleto de veste preta, brandindo a foice; tal imagem unificada oferece à apreciação do homem medieval toda a cosmovisão da época e do lugar da experiência da morte e do morrer na mesma (KASTENBAUM & AISENBERG, 1983; BAUMAN, 1998).

Na Pós-Modernidade, a perspectiva total e imbatível da morte foi fatiada e fragmentada em inúmeras ameaças cotidianas à sobrevivência (BAUMAN, 1998) e a mesma é transferida para a velhice, insulada no

ambiente, vivenciada sob controle tecnológico e descontextualizada (KASTENBAUM & AISENBERG, 1983). A seguir esse deslocamento de seu estatuto na cultura, a imagem contemporânea da morte perde sua unidade representacional e simbólica e é fatiada em inúmeras figuras e representações parciais (BAUMAN, 1998).

As imagens mentais

A Teoria de Codificação Dupla, de Paivio (1971, 1979, 1983, 1986, citado em EYSENCK & KEANE, 1994) pressupõe a existência de dois sistemas básicos, independentes mas interconectados de codificação ou simbolização subjacentes à cognição humana. Ambos os sistemas (verbal e não-verbal) operam na codificação, organização, armazenamento e recuperação de tipos distintos de informação. O sistema não-verbal (ou de imagens) é especializado no processamento de objetos e eventos não-verbais de natureza espacial e sincrônica e dessa forma atua sobre a análise de cenas e na geração de imagens. Por sua vez, o sistema verbal lida com informações lingüísticas e com o processamento da linguagem; por conta da característica serial da mesma, tal sistema é especializado no processamento de informação seqüenciada.

Ambos os sistemas dividem-se em vários sub-sistemas sensório-motores segundo as diversas modalidades sensoriais e tem unidades representativas básicas na forma dos *logogens* (para o sistema verbal) e das *imagos* (para o sistema não-verbal), cada um dos quais comparece em versões específicas segundo as referidas modalidades. Por fim, os dois grandes sistemas de codificação (o verbal e o não-verbal) encontram-se interconectados em íntima colaboração funcional por ligações de referência entre os 'logogens' e 'imagos'. Essa Teoria de Dupla Codificação tem encontrado farta comprovação experimental, notadamente nas tarefas de memória semântica e de memória episódica, nas tarefas de resolução de problemas bem como nas pesquisas neuropsicológicas.

Todavia, apesar desse suporte empírico, a teoria paiviana da Dupla Codificação tem recebido ataques ferozes de críticos como Pylyshyn (1973; 1979, citado em EYSENCK & KEANE, 1994), o qual denuncia a falta de rigor na conceituação do termo 'imagem', além de afirmar que a mesma não passa de um epifenômeno do funcionamento cerebral/

cognitivo, ou seja, se há um duplo sistema de codificação da informação, a afirmação dessa premissa teórica carrega a necessidade de se descrever o veículo de mediação entre os dois sistemas, logo, o mesmo estaria com necessidade num nível proposicional; portanto, deve existir uma mentalização básica que subjaz a todo o processamento cognitivo.

À parte esses entraves teóricos e metodológicos sabe-se que a função imaginativa em seu trabalho plasmador e manipulador de imagens executa diversos tipos de procedimentos computacionais como *inspecionar, encontrar, zoon, rotar, transformar* (THAGARD, 1998; EYSENCK & KEANE, 1994), evidenciando um complexo funcionamento e interferência sobre outras funções cognitivas (MORIN, 1998).

As imagens da morte e a teoria das representações sociais

As representações sociais são um fenômeno complexo situado na interface entre fenômenos sociais e cognitivos, comunicação e pensamento (MOSCOVICI, 1988). Nascidas no seio das trocas cotidianas e nos intercursos dialógicos que originam os diversos saberes que compõem o senso comum (BERGER & LUCKMANN, 1985), as mesmas têm uma função de orientação dos indivíduos no espaço social como também guardam um lugar de crucialidade na criação de informação bem como na familiarização com o estranho de acordo com as categorias da Cultura na qual os indivíduos se inserem (MOSCOVICI, 1988).

Segundo Moscovici (1976) a representações sociais é um processo que torna o conceito e a percepção de uma imagem intercambiáveis; nesse sentido, a representação é uma unidade estrutural de duas faces: a figurativa e a simbólica.

No processo de constituição da representação, a objetivação coloca-se então como uma operação imaginante e esturante (JODELET, 1984), através da qual acontece uma forma-figura específica ao objeto tornando-o tangível (SÁ, 1996). Ao ser imaginarizado o objeto é então posto em comércio associativo com elementos e significados oriundos da experiência do sujeito através da operação da ancoragem e dessa forma, o mesmo é transformado de “não identificado” a “familiar”, eliminando assim o elemento ansiógeno que representa o desconhecido (ARRUDA, 1983).

Sendo a personificação uma resposta natural e funcional ao prospecto de morte posto que permite ao sujeito expressar algo de sua atitude emocional e simbólica para com a mesma (KASTENBAUM & AISENBERG, 1983) e uma das formas possíveis de modelizar a morte sob forma icônica, cumpre-nos argüir esse objeto numa verificação de possíveis formas figurativas com as quais os significados atribuídos à morte na pós-modernidade entram em intercâmbio no seio da representação.

Como estabelecido na literatura, os profissionais de saúde encontram-se entre as populações mais sujeitas a agravos psíquicos e somáticos devido à natureza de sua rotina ocupacional, a qual ocorre em ambientes insalubres e perigosos, com rotinas repetitivas e uma aproximação com a dor e a morte maior que o resto da população, o que os expõe a problemas de saúde (em especial geniturinários, psicossomáticos e osteomusculares) e à produção de sintomas psíquicos, os mais diversos em natureza e intensidade de expressão (PITTA, 1991).

Na esteira desses trabalhos, esta investigação propõe-se a iniciar, de forma exploratória, uma sistematização do conhecimento referente ao aspecto imagético da representação da morte em profissionais de saúde no contexto sócio-cultural do nordeste do Brasil.

O estudo

Participantes

Participaram do estudo 80 profissionais de saúde (49 médicos, 13 psicólogos e 18 enfermeiros) inseridos em serviços onde a proximidade com a morte é uma constante. Além disso, a distribuição dos sujeitos pelo sexo constou de 54 do sexo feminino e 26 do sexo masculino.⁴

Procedimentos

O instrumento utilizado foi um questionário contendo questões abertas e fechadas sobre os aspectos simbólico e icônico da morte bem como sobre o processo de morrer. Os dados foram formatados

⁴ Vale salientar que os sujeitos das amostras das categorias profissionais dos psicólogos e dos enfermeiros são exclusivamente de sexo feminino.

através da construção de um banco de dados com o auxílio do programa *SPSS for Windows*.

A análise aconteceu a partir de dois eixos: o qualitativo – através da análise temático-conteudinal dos documentos escritos (BARDIN, 1979), e o quantitativo – na forma de uma análise multidimensional não-métrica do tipo *SSA – Similarity Structure Analysis* com o montante dos dados do questionário e da análise de conteúdo.

Resultados e discussão

Na investigação da estrutura conceitual da representação da morte nos utilizamos das categorias de Nascimento (2001) em estudo recente com população semelhante, o qual descreve a estrutura conceitual da morte a partir de 12 elementos diferentes confirmados pela presente investigação, a saber, a morte como fim, passagem, mistério, perda, sono, corte, retorno, macabra, natural, abstrata, triste e verdade.⁵

Num segundo momento da análise operou-se um mapeamento qualitativo das imagens associadas à morte, o qual revelou um contingente de 51 sujeitos (63,75%) que associam a morte a alguma imagem.

O mapeamento logrou também explicitar 70 imagens diferentes associadas à morte, o que na média equivale a cerca de 1,4 imagens por sujeito, o que é indicador de uma dispersão no registro imagético da representação da morte bem como de uma relação extremamente particularizada do sujeito com a imagem na modelização do referido objeto.

O *Cópus Imagético* foi submetido a uma análise temático-conteudinal segundo os critérios para a mesma preconizados por Bardin (1979), a qual é operada através de procedimentos de classificação segundo parâmetros diversos (sintáticos, semânticos, etc.) cuja validade é de ordem psicológica implicando um sujeito específico numa atividade criativa de construção de significados (D'UNRUG, 1974, citado em BARDIN,

⁵ Para uma apreciação maior e detalhamento das categorias bem como a “lógica do caleidoscópio” que lhes é subjacente vide trabalho supra-citado: “Religião, Morte e Pós-Modernidade: as relações entre os discursos religioso e científico na construção da representação da morte em profissionais de saúde” (NASCIMENTO, 2001). No presente estudo nos limitaremos a explicitar a estrutura conceitual a qual se associa o continuum imagético da Representação, este sim, o nosso foco de análise. As relações entre os registros conceitual e icônico da representação da morte serão objeto de um outro trabalho, já em elaboração

1979). As atividades de classificação e categorização guardam portanto um lugar de centralidade na construção de mundo e atribuição de significados (ROAZZI, 1995), bem como na compreensão de sistemas conceituais e no desenvolvimento teórico (BRUNER, 1957, citado em ROAZZI, 1995).

O *continuum* das imagens associadas à simbólica da morte entre profissionais de saúde foi organizado em 10 agrupamentos específicos segundo um critério temático, a saber:

- (1) Imagens da natureza terrestre (abismo, águas, árvores frutíferas, etc.);
- (2) Imagens da natureza cósmica (astro celeste, céu, espaço infinito, etc.);
- (3) Imagens genéricas da natureza (natureza, paisagem);
- (4) Imagens de figuras humanas (mulher bela, parentes falecidos, etc.);
- (5) Imagens de viagens (caminho/estrada, trem, viagem, etc.);
- (6) Objetos fúnebres (caixão funerário, cemitério, cruz, etc.);
- (7) Imagens macabras (cadáver/corpo imóvel, caveira vestida de preto com foice, etc.);
- (8) Imagens/entidades metafísicas (anjo, a glória de Deus, consciência em expansão, etc.);
- (9) Imagens idílicas (cama, mundo silencioso e pacífico, etc.); e,
- (10) Imagens inclassificáveis (varinha de condão, algo imaginário, etc.).

A partir dos agrupamentos icônicos referidos anteriormente efetuou-se uma análise multidimensional não-métrica do tipo SSA (Análise da Estrutura de Similaridade; GUTTMAN, 1968), coadjuvada pelo método das “variáveis externas enquanto pontos” (COHEN & AMAR, 1999; ROAZZI & DIAS, 2001), a qual permite que se estabeleça uma relação entre as variáveis escolhidas (neste estudo as mesmas são as categorias profissionais e o gênero) e a estrutura imagética subjacente.

Tomou-se como base para a interpretação dos resultados a Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 1976) e a Teoria das Facetas (GUTTMAN, 1991), a qual pressupõe uma interrelação no plano empírico de todos os componentes do fenômeno investigado, o qual recebe uma representação de forma espacial num plano euclidiano; tais elementos, uma vez transportados como pontos para o plano espacial, se arranjam de formas específicas de acordo com a sua relação empírica, a saber, mais

próximos ou mais distantes na figuração quão mais próximos ou mais distantes estiverem correlacionados na estrutura do fenômeno empírico.

A partir da análise “SSA” obteve-se a seguinte distribuição no plano euclidiano do *continuum* imagético da representação da morte a partir dos agrupamentos observados:⁶

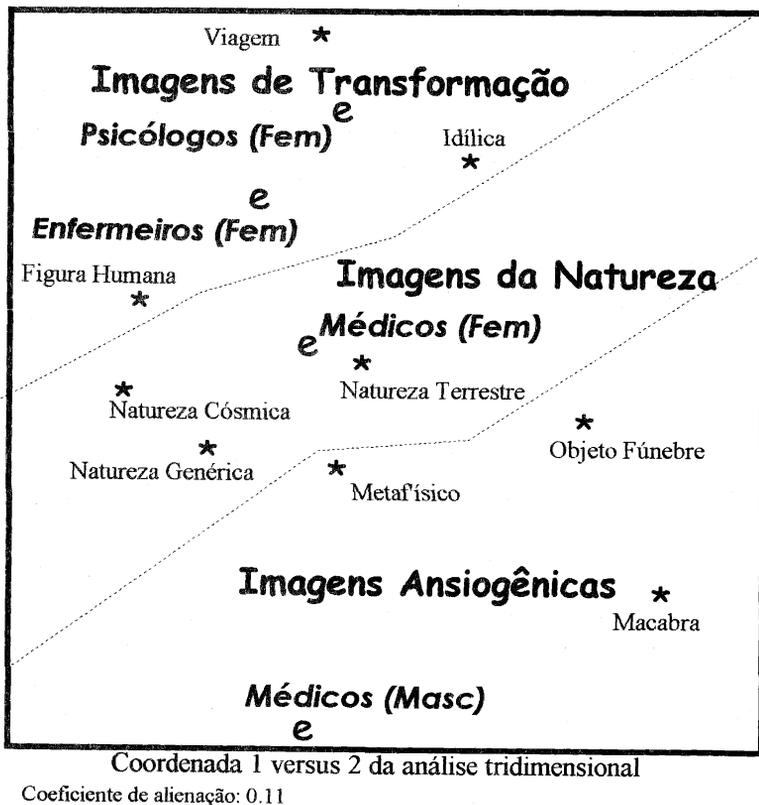


Figura 1— Análise SSA das categorias relativas a Imagens sobre a morte considerando como variáveis externas (e) as profissões e gênero da amostra

⁶ Por razões de ordem metodológica, o agrupamento das Imagens Inclassificáveis não entrou na composição dos agrupamentos Imagéticos submetidos à análise multidimensional.

Na representação figurativa do registro icônico da representação da morte aparecem claramente circunscritas três regiões distintas a seguir nomeadas a partir do sítio inferior do plano euclidiano, a de imagens ansiogênicas, imagens da natureza e imagens de transformação.

Na primeira região inferior no plano encontram-se posicionadas proximamente os agrupamentos imagéticos ‘imagens macabras’, ‘objetos fúnebres’ e ‘imagens/entidades metafísicas’, os quais, devido aos significados usualmente negativos que lhes são atribuídos, batizaram a região com o nome de *Imagens Ansiogênicas*, a marcar os afetos negativos associados a determinados conteúdos simbólicos da representação em estudo bem como às imagens em foco.

No plano mediano da figuração espacial encontram-se localizados em proximidade os agrupamentos ‘natureza genérica’, ‘natureza terrestre’ e ‘natureza cósmica’, os quais batizaram a região assinalada como o nome de *Imagens da Natureza*, assinalando uma certa conjugação das imagens em foco com significados que posicionam o fenômeno da morte num *continuum* de fenômenos de ordem natural, que a qualifica como um acontecimento referente ao mundo da Natureza. Há que se assinalar aqui a proximidade entre dois agrupamentos posicionados em regiões distintas – ‘imagens metafísicas’ e ‘natureza genérica’ – os quais, em sua proximidade na estrutura do fenômeno empírico, marcam uma ambigüidade na representação da Morte, ora colocada como um fato natural, ora significada numa aura de explicações metafísicas e religiosas.

Na porção superior do plano espacial encontram-se aproximados os agrupamentos ‘figura humana’, ‘imagens idílicas’ e ‘imagens de viagens’, as quais, sob a rubrica da categoria *Imagens de Transformação* põe em relevo uma idéia expressa de forma figurativa de uma imagem da morte que passa de um registro de ansiedade e terror psicológico a imagens carregadas de significados mais positivos e menos carregados de ansiedade. Nesse sentido, as imagens carregam um sentido de ‘passagem’ do sujeito psicológico de uma esfera a outra da existência através do evento-morte bem como de ‘passagem’ de uma figuração mais macabra para outra de características menos aterrorizantes. Nessa direção, há que se por em relevo a proximidade do agrupamento ‘Figura Humana’ a todos os agrupamentos pertencentes à região *Imagens da*

Natureza, numa proximidade no plano euclidiano a assinalar uma das mais importantes figurações da morte – a Personificação, a qual encontra sua proximidade simbólica com toda a gama de imagens da natureza a partir da matriz da imagem do corpo.

A partir da análise das “variáveis externas enquanto pontos” (COHEN & AMAR, 1999; ROAZZI & DIAS, 2001) observa-se uma expressão diferenciada da representação da morte por categoria profissional e por gênero, onde os homens em geral localizam-se no limite inferior da região *Imagens Ansiogênicas* enquanto as mulheres distribuem-se em sua maioria no ponto mediano da região *Imagens de Transformação*, tendo o sub-grupo de mulheres médicas posicionadas no ponto mediano da região central *Imagens da Natureza*.

Segundo as categorias profissionais, os psicólogos e enfermeiros em sua totalidade posicionam-se na região das *Imagens de Transformação* enquanto os médicos de sexo masculino localizados no extremo oposto da região *Imagens Ansiogênicas* bem como os médicos de sexo feminino (posicionados na região central supra-citada e mais próximos às imagens macabras que as categorias de enfermeiros e psicólogos), exibem uma tendência a figurar a morte de forma mais negativa e aterrorizante.

Conclusão

A dispersão no registro icônico da representação da morte entre profissionais de saúde expressa pela quantidade significativa de imagens encontradas vem a acompanhar uma mesma dispersão do sentido da morte encontrada em investigação de sua simbólica por Nascimento (2001). Dados da pesquisa citada, como também desta, apresentam-nos a Morte em toda a pluralidade de significações e dispersão de seu sentido a marcar a lógica de sua construção por sujeitos da pós-modernidade – a *Lógica do Caleidoscópio* segundo o autor anteriormente citado.

Por outro lado, essa mesma dispersão marca a expressiva capacidade do psiquismo humano de figurar objetos de significância pessoal e comunitária, podendo-se entender a multiplicidade das imagens associadas à simbólica da morte como um recurso psicológico para se lidar com o terror e a ansiedade eliciados em seu enfrentamento, quer imaginário e prospectivo, quer real.

Nessa discussão, faz-se mister assinalar a importância da diferenciação entre as representações imagéticas, segundo as categorias profissionais e os gêneros, onde tal diferenciação deixa à tona os mecanismos identitários inerentes aos processos de construção e reprodução das representações por parte de atores sociais (MOSCOVICI, 1976), processos estes de onde as representações se precipitam marcadas pelos posicionamentos dos referidos atores na trama das relações sociais e comunitárias, dentre as quais destacamos as inter-categorias profissionais mesmo nas comunicações entre os gêneros.

A riqueza dos dados obtidos a partir da explicitação dos conteúdos imagéticos associados aos significados da morte nos argüe em nosso saber sobre as relações entre os registros da representação, a saber: qual o estatuto que as imagens têm na estrutura da representação, bem como da significação da codificação de informação nesse formato? Tal constatação, nos aproxima dos achados da Teoria da Dupla Codificação de Paivio (1971; 1979; 1983; 1986, citado em EYSENCK & KEANE, 1994), em sua discussão da singularidade e importância da codificação do conhecimento e de informação espacial e sincrônica no formato figurativo. Investigações dessas relações no interior da representação tornam-se necessárias e urgentes.

No nosso entender, uma investigação mais aprofundada do registro imagético da morte, tanto ajudar-nos-ia numa compreensão mais densa de como sujeitos detentores de conhecimentos técnico-científicos modelizam a morte nos tempos pós-modernos, como ajudar-nos-ia a traçar a rota das vicissitudes das imagens nos processos constitutivos das representações em geral e do lugar do sujeito nos mesmos.

Referências bibliográficas

ARIÈS, P. *A história da morte no ocidente*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

ARRUDA, A. O estudo das representações sociais: uma contribuição à Psicologia Social no nordeste. *Revista de Psicologia*, s.l., n.1, jan./dez. 1983.

AVENS, R. *Imagination is reality: western nirvana in Jung*, Hillman, Barfield & Cassirer. Dallas: Spring Publications, INC., 1980.

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BERGER, P. L. & LUCKMANN, T. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- COHEN, E. H. & AMAR, R. External variables as points in SSA: a comparison with the unfolding techniques. In: SCHWEIZER, R. M.; HÄNZI, D.; JANN, B.; PEIER-KLÄNTSCHI, E.; SCHWEIZER, H., MEYER, J. (Orgs.). *Facet theory: design and analysis*, p. 259-279. I. S./Bern: FTA-Facet Theory Association (c/o Institut für Soziologie, Universität Bern), 1999.
- EYSENCK, M. W. & KEANE, M. T. *Psicologia cognitiva: um manual introdutório*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FREUD, S. *Obras completas*. v. I, p. 1216, 1969.
- GUTTMAN, L. A general nonmetric technique for finding the smallest coordinate space for a configuration of points. *Psychometrika*, n.33, 1968.
- GUTTMAN, L. *Louis Guttman: in memoriam – chapters from an unfinished textbook on facet theory*. Jerusalém: The Israel Academy of Sciences and Humanities, 1991.
- JODELET, D. Représentation sociale: phénomènes, concept et théories. In: MOSCOVICI, S. (Org.). *Psychologie sociale*. Paris: PUF, 1984.
- JUNG, C. G. *The collected works of C. G. Jung*. London: Routledge & Kegan Paul, 1953-79.
- JUNG, C. G. *Obras completas*, v. VIII. Petrópolis: Vozes, 1960.
- KASTENBAUM, R. & AISENBERG, R. *Psicologia da morte*. São Paulo: Pioneira/USP, 1983.
- MORIN, A. Imagery and self-awareness: a theoretical note. In: *Theory and review in Psychology: an electronic journal*. Disponível em: URL: <http://www.gemstate.net/susan/Imagry2.htm>, 1998.

MOSCOVICI, S. *La psychoanalyse, son image et son public*. Paris: Presses Universitaires de France, 1976.

MOSCOVICI, S. Notes towards a description of social representations. *European Journal of Social Psychology*, n.18, p.211-250, 1988.

NASCIMENTO, A. M. Religião, morte e pós-modernidade: as relações entre os discursos religioso e científico na construção da representação da morte em profissionais de saúde. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES/III SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES: INSURGÊNCIAS E RESSURGÊNCIAS NO CAMPO RELIGIOSO, 2001. Recife. *Anais Eletrônicos*. 2001.

PITTA, A. *Hospital: dor e morte como ofício*. 2ª Ed., São Paulo: Hucitec, 1991.

ROAZZI, A. & DIAS, M. G. B. B. Teoria das facetas e avaliação na pesquisa social transcultural: explorações no estudo do juízo moral. Conselho Regional de Psicologia – 13ª Região PB/RN (Org.). *A diversidade da avaliação psicológica: considerações teóricas e práticas*, p. 157-190. João Pessoa: Idéia, 2001.

ROAZZI, A. Categorização, formação de conceitos e processos de construção de mundo: Procedimento de classificações múltiplas para o estudo de sistemas conceituais e sua forma de análise através de métodos de análise multidimensionais. *Cadernos de Psicologia*, n.1, p.1-27, 1995.

SÁ, C. P. *Núcleo central das representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1996.

SANTAELLA, L. & NÖTH, W. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

SILVEIRA, N. *O mundo das imagens*. São Paulo: Ática, 1992.

THAGARD, P. *Mente: introdução à ciência cognitiva*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.